

LUCAS FERREIRA

*A CASA
DA ESQUINA*

Catálogo na Publicação (CIP)

S933a SILVA, Lucas Ferreira da

A casa da Esquina / Lucas Ferreira da Silva : - 1ª ed.
- Joinville : Clube de Autores, 2015.
158p ; 14x21

ISBN: 978-85-914991-2-0

1 . Literatura Brasileira. 2 . Romance. I . Título

CDD: B869.3

Fotos: capa, contracapa e orelha – Sueli Santos

Arte final – Will Ackles

roberto.william@gmail.com

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por
Qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização
Prévia, por escrito, do autor
Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais



Meu Recanto

Vida devagar, ingênua
Aprendizado para o mundo
Momentos n'alma eternizados
Melancólico, profundo.

Alto do morro, cidade inteira
Recebe abraços da Boa Vista
Ocaso mais bonito
Vale verde, imenso de saudade
Horizonte infinito.

Em todo lado soam tambores
A cidade se cobre de cores
Parou o mundo, tudo
Ruas e praças em movimento
Coração mudo.

Gente sossegada,
Conversa de esquina
Dores do Indaiá na alma
Das Gerais, belo canto
Destino de muitos
Meu recanto.



*“Matamos o tempo
O tempo nos enterra.”*

Machado de Assis em: Memórias Póstumas de Brás Cubas.



Apresentação

Pe. Henrique de Moura Faria

Foi com alegria imensa que acolhi o convite de meu querido amigo e companheiro de fé e caminhada LUCAS FERREIRA para apresentar seu novo livro A CASA DA ESQUINA. Alegria ainda maior porque também sou dorense guardando “Dores do Indaiá na alma, meu recanto”.

Percorrendo as páginas do livro- misto de ficção e realidade, prosa e verso- reencontrei minha CASA DA ESQUINA que ia sendo diluída pelo tempo e espaço. Um livro que me faz viver a experiência descrita pelo filósofo francês Marcel Proust, “A única viagem verdadeira seria não procurar novas paisagens, mas ter novos olhares”. Também a alegria por constatar que na literatura de Lucas uma das mais importantes tradições-contribuições de nossa Dorés continua viva.

De fato, Dorés do Indaiá se notabiliza por ser uma terra de poetas/poetisas, escritores/as; cientistas e músicos que muitos dorenses infelizmente nem conhecem! Segundo pesquisas de Rúbens Fiuza existem

mais de 50 escritores dorenses nos vários ramos da ciência e do saber. Cito alguns/as mais conhecidos/as: poetisas/poetisas, romancistas: Carminha Gouthier; Eneida Machado Millet; Emílio Moura, Adair José, Antônio Caetano da Silva Guimarães Júnior (Tonico Caetano); José Hipólito de Moura Faria; José Ribeiro Machado; Maria das Dores Caetano Guimarães (D.Branca); Ivany Chagas Coutinho; Stella Maris Rezende.

Historiadores: Carlos Cunha Correa, Claudenor Sousa Guimarães; Jacinto Caetano Guimarães; Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza, embora não nascido lá, filho do saudoso Dr Edgard Fiúza, passou parte de sua infância em Dores e cujas obras divulgam a história e as belezas de Dores; Ricardo de Moura Faria, Rubens Fiuza; Waldemar de Almeida Barbosa; Maria Claret Carneiro Barbosa

Cientistas, políticos, sociólogos: Bolivar Lamounier; Francisco Luiz da Silva Campos (O Chico Ciência, jurista, deputado, ministro); José Greco (medicina); Marcelo Guimarães Melo (agricultura).

Música: Luís Melgaço; José Lino.

Escultura: Ricardo Costa.

O Livro A CASA DA ESQUINA nos situa no quadro das pequenas cidades do interior mineiro onde brincávamos livres e soltos pelas ruas e praças; onde a religiosidade permeia todas as situações vitais; onde as fofocas correm soltas e todo mundo sabe da vida de todo mundo - “NA ESQUINA”.

Lucas nos reenvia a um tempo que as crianças hoje conhecem muito pouco: contato com a natureza com os pés descalços, lambuzando-se com poeira ou barro; brincadeira de roda, cirandas, nego fugido, finca, bolinha de gude...

Nostalgia do pôr-do-sol e as crianças jogando bola, vôlei ou peteca, nas praças enquanto os pais e avós conversavam nas varandas.

“...pouco tempo depois os outros pais de crianças também compraram TV’s. Foi ficando normal. O mundo dos meninos começou a se resumir às suas próprias casas. A esquina perdia sua poesia pobre, seu poder de congregar pessoas e vozes agora silenciadas pelas vozes dos artistas e das notícias...

...Foi nesse momento que meu mundo começou a morrer. Foi aí que começou o fim das conversas, o fim das interações, o fim do tempo ocioso, dando lugar ao silêncio até mesmo dentro de casa. E assim morreu um pouco da infância de todo mundo”...

Tempo em que a energia elétrica era pouca, a “luz” faltava muitas vezes; banhávamos nos córregos andando no meio dos pastos, correndo das vacas ou nos assustando com os animais selvagens presentes nas matas fechadas no entorno da cidade: onças, tamanduás, lobos, porco do mato, pacas, capivaras.

E as chuvas? Que alegria andar descalço no meio da enxurrada, mas também que pavor nas famosas tempestades de Dores com raios e trovões que assustavam todos/as levando até mesmo os/as adultos/as a se esconderem debaixo das camas com velas acesas rezando a Santa Bárbara e São Jerônimo para que esconjurassem raios e trovões.

*"Saudade de ser criança
Nos sertões das Gerais das chuvas grandes
E das preces das mães e avós
Pelo fim das tempestades
Tantas que atacam dos ares
Em tempos que outras também de terra chegaram
Enquanto lá fora raios e trovões
Violência e opressões
As crianças tem seu mundo de fantasia
De alegria, de sonhos e despreocupações
Na Esquina"*

E ainda "colocou-nos todos debaixo de uma mesa de madeira velha, que ficava encostada numa parede da cozinha porque uma perna estava quebrada. Ali, se a chuva ou o vento levantasse as telhas, o maior temor de minha mãe, estaríamos bem protegidos."

Lucas lembra-nos o que também Carminha Gouthier nos descreve:

*"Dores do Indaiá era deste tamanhinho
E gostava de dormir mansamente resignada na sua vida
Simples de cada dia"*

(Carminha Gouthier no poema Dores do Indaiá)

Experienciado por Lucas quando nos lembra que nosso horizonte era ao mesmo tempo pequeno, o da rua, o da CASA DA ESQUINA, o da escola, o da Igreja. Mas também imenso, pois em Dores uma planície infinda nos leva a descortinar o infinito com a Serra da Saudade, lá longe, lá longe, visualizada partir do Morro da Capelinha:

*"Alto do morro, cidade inteira.
Recebe abraços da Boa Vista
Por- do- sol mais bonito
Vale verde, imenso de saudade
Horizonte infinito."*

Cidadezinha sem trepidações de carros substituídos pela toada dos cascos dos cavalos e da boiada; cidade silenciosa que de noite nos metia medo e de manhã a alvorada dos pássaros era como uma oração de louvor ao despertar de um novo dia.

O Fredo que depois de muitas andanças retorna à sua
Dores pergunta ansioso com Carminha Gouthier:

*"Dores do Indaiá!
Quede a cidadezinha que tinha
Preguiça de caminhar?
Quede as casas de barro
onde as janelas tortas espiavam a gente?
Quede o carro de boi que gemia de dor
No silêncio da rua"*

(Do poema Dorés do Indaiá)

"... a vida passa e os lugares permanecem, modicam-se ou modificamos. E as lembranças vão e vem. E o tempo se esvai de todo. Restam lembranças e histórias que existem e que se repetem e que não se cansam e que se recriam ou se transformam NA ESQUINA. Cidade onde a primeiro amor nunca é esquecido:"

"..." Ela apareceu à porta. Era a mesma Helena de minha infância e de meus sonhos. Era a menina que um dia bem

distante no passado havia recebido um beijinho de amor no rosto com a promessa de regresso breve para ficarmos juntos para sempre. Era a mesma garotinha que me havia retribuído o carinho dizendo que me esperaria por toda a eternidade se preciso fosse. Mas éramos apenas crianças e não podíamos entender o que se estava passando com gente”.

Faça você também a experiência de visitar Dores do Indaiá, não apenas através do belíssimo livro A CASA DA ESQUINA e perceber a maravilha de conhecer uma cidade:

“deitada preguiçosamente sobre duas colinas: Contempla extasiada, campinas imensas. Esperando-desde quando? um grande abraço da serra da Saudade”

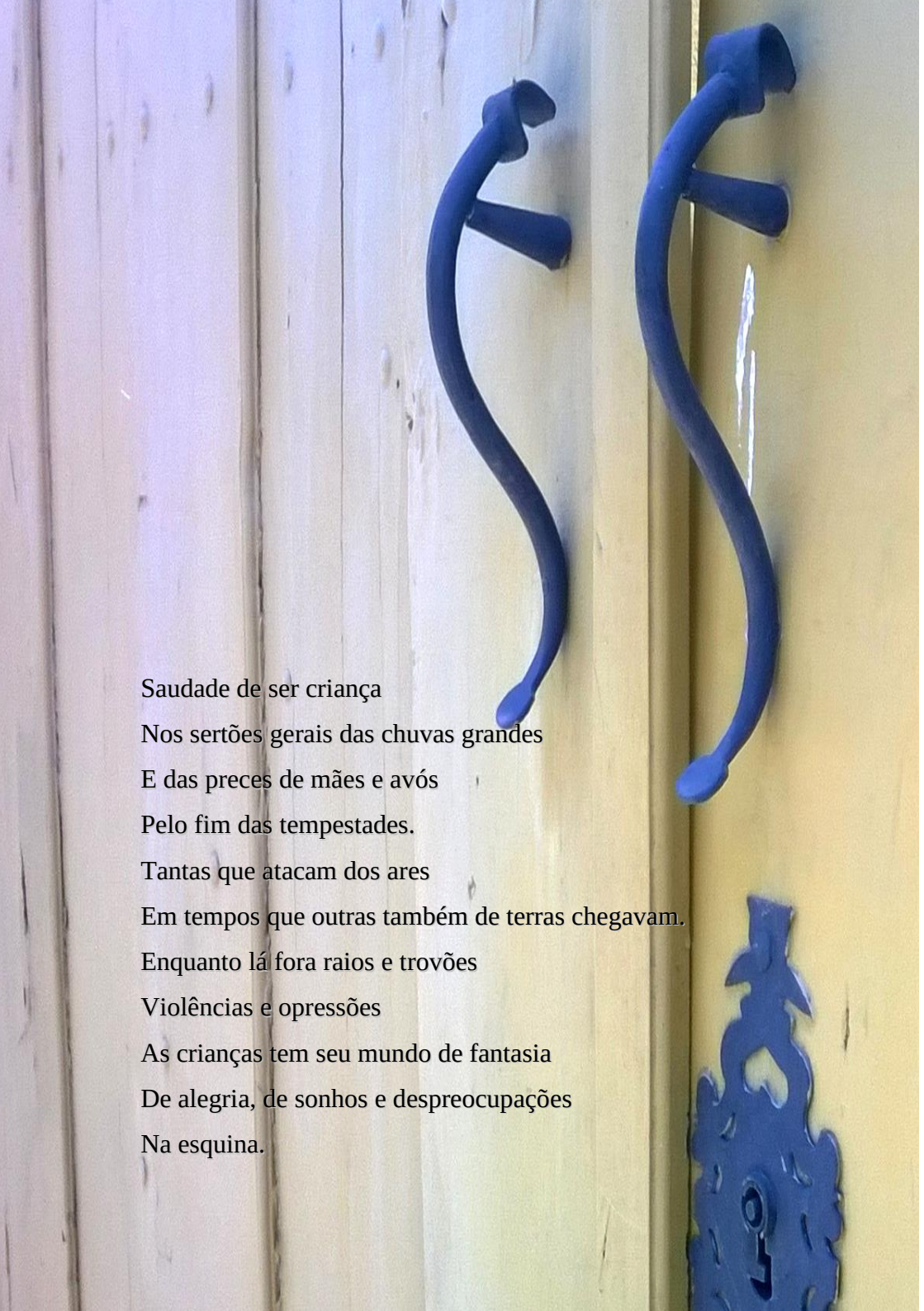
(do poema inédito Dores do Indaiá de meu papai Ricardo Fiuza de Faria).

“Observando todo esse cenário, surpreendo-me pensando em como, ainda hoje, em cada lugar novo meu coração se agita como naquela tarde de verão. Ainda sou um garoto dentro de mim. O mundo é ainda um lugar a ser descoberto e a agitação faz parte da curiosidade que insiste em não me deixar”

Agora é com você leitor/a: adentre-se na CASA DA ESQUINA revisitando sua cidade, sua casa da esquina, a criança que você foi e nunca devia ter deixado de ser:

*“Infância é um momento grande
Que não termina com a idade
Às vezes vai longe, longe
Onde o coração alcança.”*

Obrigado Lucas por mais esse presente!
E boa leitura, leitor/a de A CASA DA ESQUINA.

The background of the image is a wooden door with vertical planks. Two large, curved, dark metal handles are mounted on the door. At the bottom right, there is a decorative metal piece with a circular cutout and intricate scrollwork.

Saudade de ser criança
Nos sertões gerais das chuvas grandes
E das preces de mães e avós
Pelo fim das tempestades.
Tantas que atacam dos ares
Em tempos que outras também de terras chegavam.
Enquanto lá fora raios e trovões
Violências e opressões
As crianças tem seu mundo de fantasia
De alegria, de sonhos e despreocupações
Na esquina.

A casa da esquina



I

Relâmpagos deixavam a noite como dia. O barulho estava ensurdecedor. Era possível ver tudo lá fora, bem clarinho, pela fresta da parede mal rebocada de nossa velha casa. Via quando mamãe acendia uma vela e rezava cantando em voz alta, uma oração que eu não compreendia. Sei apenas que era uma reza pra acalmar a chuva. Não sei se funcionava, mas pouco depois a chuva barulhenta cessava e os ventos se acalmavam. Penso que deve ser sempre assim, uma tempestade quase nunca dura tanto tempo.

São poucas as cenas de minha infância que lembro e guardo na memória, ainda muito vivas. Sei que naquela casinha de esquina, quase derrubada por tantas chuvas e tempestades devia haver uma força que sustentava tantos obstáculos.

Meu nome é Alfredo Lima. Mudei-me dessa pequena cidade já há vinte e cinco anos. Aqui vivi até os quinze, com minha família, que hoje se encontra espalhada por vários lugares. Nunca mais havia voltado aqui, embora as recordações e as lembranças permaneçam sempre nos meus noturnos sonhos e na vontade de um dia rever o cenário de minha vida. Os amigos de infância também não vivem mais nesta cidade.

Dores do Indaiá continua um lugar pequeno, onde o tempo parece não ser um problema. Todos se vão daqui um dia. Descobriu-se recentemente que a região possui minérios nobres. Trabalho numa mineradora e aqui vim fazer uma sondagem rápida. Meus olhos brilharam quando fiquei sabendo que para cá eu viria. Na verdade, apesar do tempo, a cidadezinha ainda está na minha memória. Verdade também é que eu pensava em regressar em outra circunstância, com minha família e meus filhos, para que pudessem conhecer esse cantinho das Geraís que um dia, no passado, foram grandes fazendas de gado.

Dores do Indaiá é de gente pouca, que ainda circula tranquilamente por ruas silentes e imutáveis, imune à ação do tempo e de tempestades de águas e progressos.

Fica no alto donde se vislumbra um belo vale, com alguns morros que se estendem pelo horizonte. Não é uma cidade com lindos casarões antigos ou com as igrejas barrocas tão típicas de Minas Gerais, mas é uma povoação formada a partir de quilombolas e indígenas que aqui, no passado, se abrigaram dos castigos cruéis do tempo da escravidão.

Dona Francisca é o livro de história da cidade. Ela sabe tudo. Parteira, cabelos brancos, olhos vívidos e sempre com um lenço amarrado à cabeça, viu quase todo mundo nascendo. Tinha sempre uma história pra nos contar. Lembro-me desta senhora sempre sorridente e sentada numa cadeira reclinável entrelaçada com uma espécie de cordão plástico de cor verde. Estava observando a rua. O tempo todo. Parecia falar com ela.

Eu era um menino franzino, doentinho, diziam. Cabelos curtos, pernas finas, mas muito esperto. A pele morena clara, quase sempre queimada pelo sol forte deste lugar abençoado. Meus irmãos eram mais velhos e praticamente não convivemos como crianças. Minha mãe passava o dia em casa e meu pai trabalhava incansavelmente, às vezes em lugares distantes e passava dias sem nos ver. A roupa do dia a dia era quase um uniforme, com calça curta, sandálias tipo havaianas sempre brancas e camisas feitas de tecido comum, confeccionadas por mamãe ou alguma vizinha, ou ainda doada de alguém que já havia crescido mais um pouco. Minhas lembranças são exatamente iguais às de muitas outras pessoas, em cidades comuns, com condições de